

## EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: TEMOS O QUE ENSINAR?

Tarcísio M. VAGO\*

Na tentativa de enfrentar o tema proposto neste evento, pretendo recuperar, brevemente, a história da Educação Física. Essa história revela que a Educação Física sempre teve o que ensinar. O seu ensino articulou-se aos diferentes contextos históricos que determinaram o que ela deveria ensinar, e como fazê-lo.

Em suas origens escolares (séculos XVIII e XIX), primeiramente na Europa e, posteriormente, no Brasil, o que o contexto histórico determinou que a Educação Física deveria ensinar na escola? Regra geral, seu ensino esteve vinculado tanto à preparação para o mundo do trabalho quanto à preparação para o mundo da escola.

No primeiro caso, a Educação Física respondeu à necessidade social de preparação física de mão de obra infantil para as novas e diferentes modalidades do mundo do trabalho fabril que se consolidava numa perspectiva capitalista, à manutenção desta mão de obra no trabalho e, ainda, à compensação dos seus efeitos nocivos ao corpo das crianças.

No segundo caso - preparação para o mundo da escola - a Educação Física respondeu à necessidade de dotar essas mesmas crianças, oriundas dos meios populares (campesinato e operariado) que passavam a ter acesso à escola, de comportamentos compatíveis com as normas racionalizadas da instituição escolar. Ao mesmo tempo, pretendia desvencilhá-las de traços próprios de seu meio (hábitos higiênicos, representação do tempo e do espaço, por exemplo). A Educação Física tratava, então, de disciplinar e de aculturar ao universo escolar as primeiras gerações de crianças provenientes dos meios populares, com suas práticas racionalizadas de exercícios (Nogueira, 1990, p.168).

Uma e outra tarefas foram realizadas pela Educação Física, na escola, com incorporação de métodos de preparação física desenvolvidos em quartéis militares.

No Brasil, acrescenta-se ainda a influência dos médicos higienistas para a introdução da Educação Física nos currículos escolares. Eles esperavam por sua participação ativa num projeto de assepsia social que, em síntese, buscava a produção de um corpo forte, de uma raça saudável, enérgica e disposta a suportar o trabalho (Castellani, 1988; Soares, 1990). Nota-se que a compreensão de corpo e de movimento estava orientada por um predomínio da dimensão biológica que a Educação Física, ainda hoje, não superou completamente.

Após a II Guerra, a Educação Física incorporou um novo determinante para o seu ensino - o esporte. Isso ocorreu em consequência de uma expansão de proporções mundiais experimentada pelo esporte. Essa expansão, por sua vez, pode ser explicada, a grosso modo, pelo desenvolvimento do sistema capitalista de produção que encontra no esporte vastas possibilidades de se reproduzir. A transformação do esporte em mercadoria (efeito econômico) e a exaltação de características de rendimento, de competição, de vitória, como sendo naturais e desejáveis (efeito ideológico), podem exemplificar essas possibilidades.

Nesse sentido, a formação e a atuação do profissional de Educação Física são, pois, direcionadas para o ensino do esporte, em suas diferentes modalidades (notadamente a partir da 5a. série do 1o. grau). Estabelece-se, entre Educação Física e Esporte, uma relação de dependência, na qual a primeira subordina-se ao segundo em sua forma mais acabada - o esporte rendimento. Tal dependência só recentemente passou a ser questionada criticamente na busca de sua superação.

Não se pode deixar de registrar, nesta tentativa de articulação entre ensino e determinantes históricos, as propostas de ensino de Educação Física mais diretamente voltadas para as crianças (séries

\* Universidade Federal de Minas Gerais



iniciais do 1o. grau). Destacam-se, entre elas, o ensino da Educação Física referenciado na Psicomotricidade e o fundamento numa abordagem desenvolvimentista do movimento humano.

A Psicomotricidade, tal como foi largamente difundida nos anos 70 e 80 e que, ainda, está muito presente na Educação Física brasileira, preocupa-se em garantir à criança possibilidade de aprimorar seu esquema corporal, sua lateralidade, sua percepção de tempo e espaço, entre outros aspectos, com vistas a melhorar ou normalizar o comportamento das crianças. Entendeu-se que essa também era a tarefa da Educação Física, o que acabou por promover uma fusão entre ambas. Muitos as consideram como sinônimas. Essa fusão têm gerado, não raro, confusão, que urge ser superada. A Educação Física deve procurar estabelecer seu ensino com base em seus próprios argumentos. Esse debate é retomado adiante.

A abordagem desenvolvimentista quer fundamentar a Educação Física propondo, em linhas gerais, um ensino voltado para as habilidades motoras básicas (ou Movimentos fundamentais: andar, correr, saltar, entre outros). A aquisição dessas habilidades, segundo essa abordagem, coincide com o período em que as crianças freqüentam a pré-escola e as séries iniciais do 1o. grau. Justamente nesse momento a Educação Física deverá intervir com o seu ensino visando garantir a aprendizagem e o desenvolvimento de tais habilidades.

Uma das principais limitações, comum tanto à Psicomotricidade quanto a abordagem desenvolvimentista, está em que ambas idealizam o movimento humano ao considerá-lo como algo natural e universal, possível, até, de padronizações a priori. A idealização do movimento humano corresponde, em grande escala, à idealização do próprio ser humano e da sociedade onde ele se constrói. É difícil aceitar essa idealização quando se tem em conta que todo movimento humano só pode ser pensado e tratado a partir do patrimônio cultural e histórico que se expressa nele. Patrimônio cultural e histórico que os seres humanos produzem e reinventam nas relações sociais. Abstrair o movimento humano desse patrimônio, é esvaziá-lo de sentido, é esterilizá-lo, é desumanizá-lo. Ainda que tal abstração fosse possível, resultaria carente de significado.

De maneira geral, portanto, nunca faltou à Educação Física o que ensinar. Até porque se tivesse lhe faltado o que ensinar, certamente seu destino seria a extinção! E se não foi extinta do currículo escolar, certamente, é porque dela sempre esperou-se que ensinasse algo. Ensinou (ou ensina?) a disciplina, ensinou (ou ensina?) a suportar a ordem escolar e a ordem do trabalho, ensinou (ou ensina?) exercícios físicos para melhorar a saúde e forjar uma nova raça; hoje, ensina técnicas e táticas esportivas eivadas de valores que ressaltam os vitoriosos.

Reafirma-se, então, que no processo histórico de sempre ter o que ensinar, é fundamental perceber que esse ensino não ocorreu por acaso. Ou seja, o que se ensinou ou ensina em Educação Física na escola tinha, e tem, vinculação direta com os momentos históricos vividos em nosso País e no mundo. Articulação que não pode escapar à compreensão crítica dos professores de Educação Física quando elaboram e realizam sua prática pedagógica.

Pelo exposto, percebe-se que a Educação Física historicamente esteve articulada com uma perspectiva de preservar intacta a estrutura da organização social, ainda que a partir de diferentes conteúdos de ensino.

Um dos desafios que se coloca para esse componente curricular, na escola, é construir um ensino que contribua para que o aluno problematize essa organização social, posicionando-se diante dela.

E, então, a Educação Física tem o que ensinar, nessa perspectiva? Traduzindo numa nova questão: qual a contribuição que a Educação Física pode oferecer à formação humana que se realiza na escola?

Torna-se obrigatório explicitar o meu entendimento a respeito desse lugar social que é a escola. Só então poderei discutir, a presença da Educação Física como integrante do processo de formação humana que a escola realiza.

Entendo a escola como um espaço social privilegiado de relações humanas que se dão a partir do ato educativo de organizar e garantir aos alunos o acesso ao conhecimento que a humanidade conseguiu criar em diferentes áreas. Ato educativo tem como princípio fundamental a formação de seres humanos que conheçam criticamente o seu tempo, suas glórias e suas desgraças.

Conhecer criticamente o seu tempo não para contemplá-lo como quem assiste a um jogo na arquibancada, mas para entrar em campo e jogá-lo, isto é, para intervir, para agir, para reconhecer-se como pessoa que tem o que fazer nesse tempo, para construir o presente e o futuro. Uma escola viva, aberta à pergunta, à dúvida, ao conflito, à produção de novas idéias, à reinvenção de outras.



Enfim, escola que seja lugar onde se possa enriquecer a experiência humana com o conhecimento produzido pelo próprio homem, desde que portador de significados para sua vida, isto é, que o ajude a enfrentar as amarras que o separam da felicidade.

Sem ignorar a realidade que mostra a estupidez de um país que transforma a escola pública em sucata, penso na tarefa dos educadores em debater os caminhos para superar tal realidade.

Assim, vou tratar, agora, da Educação Física, de seu ensino e de sua possível contribuição à formação humana realizada na escola.

Sim, acredito que a Educação Física tem uma boa contribuição a oferecer nesse processo de formação humana.

Se a escola pretende uma formação aberta às múltiplas possibilidades de expressão humana e de relações entre seres humanos, isto é, se a escola pretende organizar o ato pedagógico a partir de uma concepção omnilateral do ser humano, então, ela não poderá negar para si mesma, para a sociedade e para o próprio ser humano, que essa omnilateralidade também se manifesta corporalmente. Dito de outra forma, a escola, nesse entendimento, não poderá negar o fato histórico de que o ser humano é um ser corpóreo, ser que se expressa corporalmente. A escola não pode negar a corporeidade, se quer agir sobre a totalidade humana.

Nesse sentido, ao olhar para o corpo humano, a escola e, nela a Educação Física, podem compreendê-lo como lugar onde o homem vive intensamente a sua maior contradição: o corpo é "ao mesmo tempo, principal meio de expressão e de liberdade e lugar eminente da mais profunda censura e servidão do homem (Crespo, 1990, p.8).

Liberdade e servidão provadas corporalmente. Uma tensão presente em todos os momentos da vida dos seres humanos. Já se coloca aqui uma reflexão fundamental que retomarei ao final: que partido vai tomar a Educação Física? Que pólo da contradição ela pretende reforçar?

Prosseguindo: ao aceitar que a corporeidade humana é fato histórico, que a escola não deve negar, pode-se, então, lançar um olhar sobre o que os seres humanos fizeram e fazem da e com a sua corporeidade.

Esse **olhar para a corporeidade humana** é, ao mesmo tempo, fundamental e desafiador para a Educação Física na escola. Através dele, ela poderá se maravilhar com uma infinidade de gestos, expressões, movimentos, carregados de significados que os seres humanos são capazes de realizar, inesgotavelmente.

Gestos, expressões, movimentos!

Neles reside o interesse da Educação Física. A partir deles, ela poderá intervir em duas dimensões que afirmam o ser humano como um ser histórico: a sua dimensão singular e a sua dimensão social.

**Intervindo no singular:** cada ser humano é único e irrepetível. Assim, possui expressões, gestos, movimentos corporais que lhe são próprios, compõem a sua riqueza.

A Educação Física precisa ser cuidadosa para não pasteurizar essa riqueza que tem nas aulas, isto é, a riqueza de movimentos e expressões de um grupo de seres humanos (crianças, adolescentes, adultos ou idosos) onde cada um traz sua história de vida, sua história de movimentos, construída no dia a dia por impregnância nos lugares em que vive. História de movimentos que está registrada em seus corpos, e que neles se expressa. Certamente uma história marcada por alegrias e por dores.

Pois bem, diante da dimensão singular do ser humano, creio que a contribuição da Educação Física na escola é a de ser um espaço concreto onde cada um possa colocar-se à disposição de si mesmo e, também, do outro. Um espaço onde os alunos possam experimentar, viver, sentir, enfim, provar sua corporeidade, sua capacidade de se expressar corporalmente, de se movimentar, de reinventar movimentos, de fazer de novo e diferente, de fruir e usufruir de seu corpo que realiza movimentos significativos para a vida.

Em síntese, trata-se de contribuir para que cada ser humano aproprie-se de sua corporeidade, que se reconheça em seu corpo e que nele reconheça uma possibilidade concreta de viver o seu tempo.

Antecipa-se, já aqui, um espaço da dimensão social em que a Educação Física pode intervir. Numa sociedade que fragmenta o ser humano, que quer torná-lo individualista e triste, onde normas, valores e costumes inibem a sua expressividade corporal, o ensino de Educação Física, no instante mesmo em que se realiza, pode apontar outra direção: constituir-se num momento marcante na vida dos alunos na medida em que lhes possibilita a alegria do movimento (desde que autêntica), da experiência corporal coletiva e lúdica que os aproxima. Nesse momento, a Educação Física estará assumindo o desafio de ser, ela também, um espaço de resistência à sociedade que isola os seres humanos e os transforma em oponentes.

**Intervindo no social:** se antes considerei o ser humano em sua singularidade, agora, é preciso reconhecer que esta singularidade será vivida e realizada socialmente.



Então, aquele olhar para a corporeidade humana, registrado anteriormente, pode revelar que os seres humanos, através da história, com seus gestos, expressões e movimentos, deram origem, deram vida a jogos, a brincadeiras, a danças, a pantomimas, a esportes, a lutas, a ginástica, por exemplo.

Essas formas sociais de movimentos, de gestos, de expressões construídas pelos seres humanos, constituem bens culturais, um verdadeiro patrimônio lúdico da humanidade. Nessa condição tornam-se uma belíssima e riquíssima fonte para a organização do ensino da Educação Física na escola.

Debruçando-se sobre esse patrimônio, a Educação Física pesquisará seus aspectos filosóficos, fisiológicos, antropológicos, sociológicos, biomecânicos, psicológicos, dentre outros. Tais estudos, evitando a fragmentação do ser humano, certamente serão importantes para a organização e a realização de sua prática pedagógica na escola.

A contribuição da Educação Física, nesse caso, será exatamente a de colocar os alunos diante desse patrimônio da humanidade, que tem sido chamado por alguns autores de "cultura física" (Betti, 1991), "cultura de movimentos" (Bracht, 1968) ou "cultura corporal" (Metodologia..., 1992). Assim, na organização de seu ensino, a Educação Física deve ter como uma de suas preocupações garantir ao aluno o conhecimento e a prática das inúmeras manifestações desse patrimônio.

Apropriando-se dele, o aluno, ao mesmo tempo em que já usufrui como bem cultural na própria aula de Educação Física, também poderá fazê-lo fora da escola, em seu tempo livre. Origina-se, aqui, uma importante função social que a Educação Física pode assumir na escola: oferecer um conhecimento aos alunos contribuindo à sua educação para o lazer. Nesse momento, ela estará revendo seu vínculo com a preparação para o mundo do trabalho, presente em suas origens escolares, direcionando-se, agora, criticamente para a preparação para o lazer.

Finalmente, é preciso enfrentar essa questão: é possível à Educação Física atingir as dimensões singular e social do ser humano? Depende!

**Depende** de nossa integração à luta pela expansão e melhoria da rede pública de ensino, já que não acredito ser possível uma luta isolada da Educação Física por condições dignas de trabalho;

**Depende** de a Educação Física escolar rever seus vínculos históricos de subserviência ao mundo do trabalho na perspectiva capitalista;

**Depende** de a Educação Física se permitir abdicar de uma concepção unilateral de ser humano que privilegia o biológico, o padronizável, o mensurável, e se abrir para uma concepção omnilateral de ser humano, na qual suas múltiplas formas de expressão corporal sejam respeitadas, pesquisadas e enriquecidas;

**Depende** de a Educação Física se deixar contagiar pela infinita capacidade que o ser humano possui de criar, inventar, recriar, reinventar, viver, sentir, experimentar, numa palavra, provar o corpo humano e a vida de movimento que dele emana;

**Depende** de a Educação Física se pautar pelo fato histórico de que o ser humano é corporeidade que também pode ser provada ludicamente, e que essa experiência corporal lúdica dos seres humanos tem repercussões sociais, pois numa sociedade que os empurra para a tristeza, para o individualismo, para o isolamento, o lúdico se apresenta como contradição a essa sociedade, propondo o riso, a alegria, a aproximação, o coletivo, desde que verdadeiro e, ao mesmo tempo, crítico.

Nesse sentido, acredito que a Educação Física tem muito o que ensinar na escola:

**Ensinar**, a partir da história de movimentos dos sujeitos singulares que estão na aula de Educação Física, a história de movimentos dos seres humanos como sujeitos sociais, isto é, o patrimônio lúdico de movimentos da humanidade, construído e acumulado através dos tempos;

**Ensinar** a gostar e a curtir o seu corpo próprio, a curtir o corpo do outro, a se expressar corporalmente enfrentando as amarras da inibição;

**Ensinar** a observar criticamente as condições que hoje o ser humano tem para viver sua corporeidade e sua ludicidade, para que compreendam o quanto o ser humano pode realizar com elas, e o quanto lhe tem sido cerceado, negado, para viver sua corporeidade. Analisar que uma sociedade cerceadora da expressão viva da corporeidade lúdica dos seres humanos é uma sociedade triste, doente e fadada à infelicidade.

Mas, é preciso que a Educação Física tome cuidado, pois seu ensino também poderá se constituir num espaço de segregação, de reprodução de preconceitos, de fragmentação do ser humano, de individualismo, de inibição corporal, de traumas registrados no corpo próprio de cada ser humano. Depende, depende! Como profissionais de Educação Física, tomemos cuidado!



Retomo, então, aquela contradição exposta inicialmente. Creio que, diante da tensão entre liberdade e servidão vividas e expressas no e pelo corpo humano, a Educação Física deve posicionar-se com sua prática pedagógica na escola. E recoloco a reflexão para deixá-la com vocês: **que partido tomará nessa tensão?**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo, Editora Movimento, 1991.
- BRACHT, V. Educação física: a busca da autonomia pedagógica. **Revista da Educação Física**, v.1, n. 0, p.28-33, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Educação física: a busca da legitimidade pedagógica**. Maringá, 1991. /mimeografado/
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, Papirus, 1988.
- CRESPO, J. **A história do corpo**. Lisboa, Difel, 1990.
- ENGUITA, M.F. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- KUNZ, E. **A pedagogia dos esportes e o postulado de uma educação física emancipatória**. Florianópolis, UFSC, 1989. /mimeografado/
- \_\_\_\_\_. **Educação física: ensino e mudanças**. Ijuí, UNIJUÍ Editora, 1991
- METODOLOGIA do ensino da educação física. São Paulo, Cortez, 1992.
- NOGUEIRA, M.A. **Educação, saber, produção em Marx e Engels**. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1990.
- SILVA, M.A.S.S. **Memórias e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo, Cortez e CENPEC, 1989.
- SOARES, C.L. Fundamentos da educação física escolar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.71, n.167, p.32-50, jan/abr., 1990.
- \_\_\_\_\_. **O pensamento médico-higienista e a educação física no Brasil: 1850-1930**. São Paulo, 1990. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- TAFFAREL, C.N. **Criatividade nas aulas de educação física**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1986.
- TANI, G. et alii. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1988.
- VAGO, T.M. **Das Escrituras à Escola Pública: a educação física nas séries iniciais do 1o. grau**. Belo Horizonte, 1993. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais.